



O desafio da grande reportagem: a teoria, a técnica e a prática como elementos constituintes do trabalho monográfico em Jornalismo¹

Cristiane Naiara Araújo de Souza²

Luiza Elayne Azevedo Luíndia³

Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Manaus, AM⁴

RESUMO

No presente trabalho, a grande reportagem é discutida a partir de três de seus eixos constituintes, a saber: a teoria, a técnica e a prática. É sabido que cada um desses aspectos está intrinsecamente entremeadado aos outros durante a tessitura do trabalho jornalístico no dia a dia da reportagem. Entretanto, busca-se, em consonância com o recorte metodológico aqui exigido, discutir como se dá o processo indissociável em que se assentam as três bases mais profícuas de um mesmo prisma do saber-fazer jornalístico. A despeito da existência de outras produções, tomemos a feitura da grande reportagem, e especificamente do livro-reportagem ‘Sirrose nas Entrelinhas’. A obra é o produto resultante de um trabalho monográfico em que também se deu o conhecimento sobre as etapas, os métodos e os critérios de elaboração desse livro.

PALAVRAS-CHAVE: Grande reportagem; Livro-reportagem; Trabalho Monográfico; Sirrose nas Entrelinhas.

DESENVOLVIMENTO

Teoria do Jornalismo e o recorte conceitual

A fim de se esboçar aqueles que seriam os principais desafios enfrentados pelo repórter ao deparar-se com a feitura da grande reportagem, é necessário um retorno a

¹ Trabalho apresentado ao GP Jornalismo, XI Congresso Regional de Ciências da Comunicação (Intercom Norte 2010), ocorrido na Faculdade Atual de Boa Vista – RR.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Tecnóloga em Produção Publicitária pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifam), Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Ufam (PPGCOM). E-mail: criss_nicegirl@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho e Doutora em Comunicação Social, docente do Departamento de Comunicação Social da Ufam e do PPGCOM. E-mail: luindia@yahoo.com.br

⁴ Instituição de Ensino onde de vinculação de pesquisadora (Ufam), Manaus – Amazonas.



alguns conceitos basilares, mas muitas vezes abandonados ainda na academia. Quando na graduação, o estudante de jornalismo já pensa o seu fazer profissional mais como uma técnica somente, mais como uma prática do que como uma práxis do exercício diário. Esse exercício renova-se, em verdade, a cada pauta, necessitando um posicionamento minimamente crítico de quem tem a competência de exercitá-lo.

Falando especificamente de jornalismo, de acordo com Rüdiger (2004: 25), a grande transformação dá-se com a integração empresarial ao sistema da indústria cultural e a conversão do público leitor em consumidor de informação sobre atualidades. Testemunha-se, portanto, uma reconfiguração social que respinga seus moldes, seus caracteres norteadores e suas definições subjetivas ao jornalismo. Nesta ótica, o leitor torna-se consumidor e assume tal posição. O jornalista, por sua vez, aceita consternado o inegociável papel de mero instrumental.

No entanto, é evidente, em certos temas, haver necessidade de sua produção extrapolar o caráter noticioso, de modo a organizar o texto de forma mais analítica, interpretativa e crítica. Para Pierre Bourdieu (1997), a participação dos intelectuais está situada num campo incerto entre o campo jornalístico e os especializados (literário ou filosófico etc.), onde germinam, então, as especialidades em jornalismo.

A produção textual desses profissionais acaba também sendo situada num meio termo entre o acadêmico e o jornalístico. A balança tende a pender, muitas vezes, para a erudição dos parâmetros acadêmicos, com esquecimento do público leitor (Melo, 1994). Ambos os autores têm preocupação, ainda, com a forma pela qual o jornalista trabalha a liberdade e os instrumentais a ele consignados.

Alguns critérios definidores do texto jornalístico

É preciso pensar um fazer mais crítico e consciente; entretanto, não se abre mão da simplicidade da forma, da adequação do conteúdo, resumindo-se isso à preocupação em abranger – a pretensão das empresas jornalísticas – o maior número de leitores e, por conseguinte, entendedores de suas mensagens.



É necessário, segundo Chaparro, manter uma pragmática no trabalho jornalístico, em que as pesquisas, as entrevistas, a coleta de dados são essenciais à tarefa da reportagem. O autor ainda faz recomendações sobre a coleta de dados numa reportagem, a precisão, a checagem de informação e o tratamento de personagens, conforme será abordado a seguir.

Objetividade jornalística é um dos conceitos que ‘dançam’ entre o mito e a verdade da prática nessa profissão. Quanto a isso, Cotta (2005) revela a partir da avaliação de Manuais de redação da Folha de São Paulo e do Globo que esse objetivo com quê de inatingível, repousa sobre algumas escolhas até práticas ao longo da construção da notícia. Por exemplo, uso de palavras acessíveis a muitas pessoas, frases em forma direta, narração lógica, raciocínio objetivo e texto curto e bem explicado.

A despeito de outro termo com que todo estudante de jornalismo se depara, a pirâmide invertida, ela controverte os modos próprios das narrativas literárias. O mais importante deve inaugurar a notícia. E isso não é por acaso, visto que nas formas de edição mais antigas, o texto do repórter, caso não coubesse na página para ele reservada, deveria se ‘cortado’ de baixo para cima. Desse modo, a informação principal não deveria ser alterada, pois repousava já no primeiro parágrafo, o Lead.

Essa, por sua vez, era seguida por outras partes da história, as quais eram desenvolvidas de modo lógico e coerente ao longo dos parágrafos seguintes, sempre em ordem de sua menor relevância para a compreensão do fato noticioso. A esse respeito, Bahia (2009) diz que o começo da notícia também pode conter padrões usuais ou algo mais improvisado, embora toda improvisação deva levar em conta as peculiaridades da matéria, seus elementos pitorescos, sentimentais ou inesperados.

Uma fuga consciente: a elaboração criativa em jornalismo literário

Quando se fala em Jornalismo Literário, a definição é uníssona, pois a chamada Literatura não ficcional nos permite um casamento entre um e outro, uma junção quase simbiótica entre a forma de fazer jornalística e a forma de expressar literária. No que diz respeito não ao fato reportado, mas ao modo como reportá-lo, é possível compreender o jornalismo literário a partir da seguinte definição de Felipe Pena:



“Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos” (2008: 13).

Para Bulhões (2007), autor do livro *Jornalismo e Literatura em Convergência*, faz uma leitura com foco na zona de convergência entre jornal e letras, onde se delineiam um percurso de marcas históricas e contornos discursivos que precisavam ser avaliados e cobertos de algum esforço de teorização: as categorias da factualidade e da ficcionalidade.

No Brasil, o Jornalismo Literário fica assim definido, segundo Pena (2008):

“Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da História do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New Journalism*, iniciado nas redações americanas na década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção-jornalística” (2008: 21).

Esse foi um período de forte contestação dos modelos sociais vigentes, levando a crer no surgimento desse jornalismo como uma forma subversiva e desesperada de desconstruir os modelos vazios e refazer a prática jornalística, assentada em novos paradigmas.

Entretanto, Cotta (2005) faz uma crítica a essa proximidade multifacetada, quando ressalta a valorização e a inserção do texto jornalístico num contexto social, quando se mostram, por meio dele, relações, vínculos, resultado e aplicações daquela informação que foi comunicada em forma de notícia, retornando e causando certa mudança na vida das pessoas. Desse ponto de vista, é possível afirmar que em jornalismo há de se ter uma responsabilidade muito maior com a composição do trabalho, que parte do real e para ele volta, reconfigurando-o em certa medida.

A Grande Reportagem

Edvaldo Pereira Lima, no livro *Páginas Ampliadas - o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, define que o objetivo do livro-reportagem como



uma linha experimental que é: “focalizar esse panorama em movimento dramático é oferecer uma leitura aprofundada – tanto no plano horizontal quanto no vertical – da contemporaneidade, dissecar sistematicamente o real,” (Lima, 2009, p. 344).

A Grande Reportagem, ainda para Lima (2009), configura-se numa abordagem multiangular para uma compreensão da realidade, a qual ultrapassa o enfoque linear, fazendo a abordagem ganhar contornos sistêmicos para o estabelecimento das relações entre as causas e as consequências em torno de um problema. Haverá, pois, limites mais amplos para o desenvolvimento do trabalho de apreensão da notícia, em mais aspectos e modos discursivos, conforme o tempo e as técnicas utilizadas na exploração do tema.

Aí se revela o papel do jornalista como leitor da contemporaneidade, sendo, por assim dizer, capaz de aprofundar-se e avançar sobre o estacionário caráter do jornalismo do dia-a-dia. Para Lima (1993), em *O Que é Livro-Reportagem*, o livro-reportagem avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística.

Não se está desqualificando a informação rápida, com proporcionalidade direta com o factual, por outro lado, presume-se que em determinados casos haveria de ter um tratamento profundo, considerando-o não um amontoado de matérias em *suíte*, mas uma abordagem mais totalizante e sistêmica. Não se pretende aqui afirmar, com leviandade, o fato de a grande reportagem abranger a totalidade dos fatos e conteúdos. Infere-se que a mesma é sim uma visão mais completa da realidade reportada, baseando-se numa efetiva problematização, autoria e vieses de adentramento qualitativo.

Pesquisa e validação dos dados: documentos e bibliografia

Pesquisar é fundamental para quem deseja construir uma reportagem consistente e com o mínimo de coerência. Em relação a esse trabalho, especialmente na Redação, Erbolato (2006) o define como Produção, no qual está inserida a pauta jornalística. “Para que uma pauta seja cumprida, recorre-se a entrevistas, a pesquisas e a arquivos” (p. 180). E ainda fala da importância de uma abordagem mais abrangente do tema,



inclusive com incursões temporais que levem em conta elementos mais próximos ou um pouco mais distantes.

Corroborando com tal ideia, os objetivos propostos pelo autor puderam ser aplicados à prática da reportagem que deu origem ao livro-reportagem ‘Sirrose nas Entrelinhas’. Tratou-se, pois, de uma pesquisa complexa, a qual compreendeu levantamento inicial de dados gerais a respeito do grupo, de sua constituição e de suas atividades. Nesse primeiro momento, vale toda e qualquer informação a que se tiver acesso, todo e qualquer post em blogs, cartazes e material adquirido noutras ocasiões.

Partindo de um substancial apanhado bibliográfico, serão aplicados os critérios de seletividade típicos da produção em jornalismo. Nas palavras de Pena (2008), de acordo com a Teoria do Espelho, o dever do jornalista é informar por meio da objetividade, cujo princípio básico é a separação entre fatos e opiniões. Ao mesmo tempo, ele expõe a crítica de que a atividade jornalística é bem menos objetiva que se pretende, extrapolando, definitivamente, os pressupostos dessa teoria.

Com base nisso, observa-se a relevância da etapa de seleção do material coletado. E em seguida, foi possível verificar quem entrevistar e quais temas tomar como fios condutores para o entrelaçamento coerente dos fatos, notícias e documentos apurados na pesquisa. O recorte é inerente à atividade jornalística: esse é o pressuposto básico de direcionamento das tarefas do profissional da imprensa e o mesmo que conduzirá todo o restante do trabalho.

A hora da entrevista: contato, empatia e seleção

A entrevista é, marcadamente, um dos pontos fulcrais para o bom andamento do trabalho de reportagem, pois é por meio dela que se dá fala às personagens e os coloca no centro de importância, humanizando o relato. Entrevistar é mais técnica do que arte, mais aprendizado do que inspiração. A hora da entrevista pode e deve acrescentar muito do que constituirá o texto, construídos sob o olhar conjugado entre o que o entrevistado diz e o que o repórter compreende a esse respeito, sinuosamente tendendo para o meio termo, para o equilíbrio entre ambos os discursos.



Corroborando com a proposta, Cremilda Medina (1999) diz que o entrevistador deve encarar o momento da entrevista como uma situação psicossocial, de complexidade indiscutível. Especificamente para o presente trabalho, foram realizadas entrevistas com três dos principais representantes da Revista *Sirrose*: Márcio Santana, Marcos Ney e Adriano Furtado. A metodologia das entrevistas foi de uma conversa descontraída, o que facilitou a interação com os artistas. Houve observação mútua, busca da confiança recíproca e entrega.

Medina (1999) traz em sua literatura a teoria da elaboração do perfil humanizado pelo jornalista. O entrevistado deve estar livre para falar, à vontade para expressar o que pensa e sente. E de acordo com Medina (1999), ele [o entrevistado] passeia em atalhos, mergulha e aflora, finge e é, sonha e traduz seu sonho, avança e recua, perde-se no tempo e no espaço. De tudo isso depende a qualidade da entrevista.

O uso do gravador é uma das principais questões a serem consideradas durante as entrevistas e sua aplicação depende de uma prévia conversa com o entrevistado. A relevância das declarações e o fato de as preocupações da entrevista excederem a necessidade de anotar ‘tudo’ o que o entrevistado disser são questões a serem consideradas pelo entrevistador e expostas ao entrevistado. Isso proporciona liberdade ao repórter, que só deve anotar as palavras-chave, as quais lhe servirão de fios condutores para a escrita do trabalho final.

O último desafio: construir o produto

“Todo livro começa com uma insatisfação, uma esperança e uma aposta”. (Gitlin, 2003:09). É justamente essa insatisfação, essa esperança e essa aposta que traduzem a vontade de escrever, mesmo que de forma inexata, amadora, porque o que importa é o desejo da escrita, da entrevista, da pesquisa, do saber e do mostrar. Essa é a inquietação fundamental da hora de começar a escrever, a qual, aos poucos vai tomando forma e consistência e vai sendo delineada dentro dos limites e das possibilidades do texto.

A necessidade de existência da grande reportagem está evidenciada pela possibilidade de exceder os limites tipificados nas empresas jornalísticas. Para tanto,



cabe ao jornalista um aprofundamento conceitual, contextual e ético das questões concernentes à feitura da grande reportagem. Quanto mais ‘poderes’ [entenda-se como o privilégio de exploração do tema], maiores serão as responsabilidades técnicas e éticas.

Após a aquisição de todo o material, conseguido por meio da aplicação dos instrumentos de coleta e das entrevistas, ele foi organizado de forma a obedecer a critérios cognitivos e lógicos para o leitor, tanto do trabalho científico da monografia em si quanto do livro-reportagem.

Palavra-chave e critério fundamental para a elaboração da grande reportagem: informação. E todas elas precisam seguir os critérios de apuração do jornalismo, reportando a realidade sob a ótica jornalística, e convergindo com a literatura somente em termos textuais e estilísticos. No entanto, as inferências e o posicionamento tornam-se mais evidentes em se tratando da grande reportagem.

É necessário, pois, diferenciar verdade objetiva dos fatos e verossimilhança com que são processados e reproduzidos os discursos de acordo com o sujeito que os toma como objeto de análise. E a respeito da feitura de uma reportagem em profundidade, Erbolato (2006) deve obedecer aos seguintes critérios: dar ao leitor os antecedentes completos dos fatos que antecederam a notícia; mostrar o alcance que tiveram as circunstâncias, no momento em que os fatos ocorreram; e comentar todos esses fatos e situações anteriormente descritos, o que se configura numa análise.

Para o caso deste trabalho, em particular, que teve como objetivo geral a apresentação de um Livro-reportagem como alternativa de divulgação da trajetória do Movimento Artístico Sirrose, realizando-o a partir da utilização de técnicas do jornalismo literário, as colocações de Erbolato foram pressupostos da atividade. A partir das quais se procurou a contextualização histórica e cultural, o levantamento de alguns perfis de membros fundadores e a apresentação dos principais produtos culturais empreendidos pelos artistas do Movimento Artístico Sirrose.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Experimentação é uma palavra que bem define este trabalho, além de Jornalismo Cultural e Jornalismo Literário, como bases para a abordagem aqui utilizada, a grande



reportagem. Os questionamentos primeiros, em termos de escolhas, gêneros e linguagem jornalística, foram basilares para as proposições que se seguiram, todas elas ancoradas na prática inerente do fazer jornalístico.

O uso do livro-reportagem para contar a história do Movimento Sirrose foi experimentado como uma abordagem teórica e prática para preencher uma lacuna deixada tanto do Jornalismo Cultural, em termos de linguagem, quanto nas questões de pauta no jornalismo local, em termos de seleção de uns temas em detrimento de outros, segundo uma percepção pessoal empírica a respeito dos segundos cadernos dos jornais impressos e das abordagens de ‘cultura’ veiculadas nas mídias radiofônicas e televisivas, as quais não passam de agendas de eventos de empresas patrocinadoras.

A despeito disso, o trabalho permitiu que o desafio de mergulhar nas angústias do jornalismo fosse posto e dissolvido a cada etapa vencida. A indagação primeira versou sobre o tema em si: o que seria digno de uma grande reportagem, mesmo que em nível acadêmico? Em seguida veio outra pergunta: onde e o quê pesquisar? Essa foi a busca quase desesperada pelas fontes o mais fidedignas possíveis, como relatos de participantes, notícias de jornais, material produzido pelo grupo.

A inquietação seguinte foi a respeito de como organizar aquele aparentemente irremediável caos em que se encontravam as propostas basilares do produto, dissolvidas numa miscelânea de matéria e ideias. Sistematizar, selecionar, buscar as relevâncias aparentes e essenciais ao andamento do trabalho, apesar do pensamento inicial de que tudo seria aproveitado e de que tudo, a priori, seria essencial.

Em último lugar, por questão de cronologia, vem o acabamento da obra, que já havia sido pensada e vinha sendo construída já nas etapas anteriores. Organizar o livro em capítulos, os capítulos em parágrafos e os parágrafos em frases interessantes, informativas e concisas, com certo tom literário, mas verossimilhantes e corretas em suas pretensões objetivas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, Benedito Juarez, 1930-1998. **História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo**, volume 2/ Benedito Juarez Bahia. – 5 ed. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. (Tradução de Maria Lúcia Machado) Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997. (p.103 – 120).

COTTA, Pery. **Jornalismo: teoria e prática**. Pery Cotta. – Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2005.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. 5ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2006.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro – 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira, 1993 – **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense.

----- **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura** - 4ª Ed./Edvaldo Pereira Lima. – [Ed. rev. e ampl.]. – Barueri, SP: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. – São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

MELLO, José Marques de. **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. 2ª. Ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo/ Felipe Pena**. 2. Ed. 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008.

RUDIGER, Francisco. **Theodor Adorno e a Crítica á Indústria Cultural – Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade**. Francisco Rüdiger. Coleção Comunicação – 19. 3ª edição Revista e Atualizada. – Porto Alegre, 2004.